

Ensaio sobre a cegueira: uma amostra do mal que há em nós

Juliana Garcia Santos¹

RESUMO: Este artigo propõe a releitura do romance de José Saramago *Ensaio sobre a cegueira* (1995) no que tange à sua capacidade de suscitar e explorar a perversidade humana que tanto desafia e arruína a noção de ordem e progresso, transgredindo o ideal de civilização. Com vistas a cumprir essa missão, pretende-se pôr em xeque a maneira como o autor, por meio de seu discurso, lança mão de imagens que denotam a natureza agressiva e destrutiva do homem, quando este se vê acuado em meio à luta pela sobrevivência, nos concedendo uma amostra do mal que nos habita e nos consome. A fim de sustentar teoricamente a proposição em questão, serão referenciados, primordialmente, David Harvey e sua abordagem em torno da atmosfera moderna, Freud, por suas contribuições acerca das pulsões humanas e do mal-estar difundido com a civilização, e André Bueno, pela discussão em torno da relação entre modernidade e barbárie, levantada em seu estudo sobre as formas da crise que assolam a sociedade contemporânea e ganham forma na literatura.

Palavras-chave: atmosfera moderna; crise; mal.

Blindness: a sample of evil inside us

ABSTRACT: This article proposes a rereading of the novel by José Saramago *Blindness* (1995), with regard to their ability to raise and explore the human perversity that both defies and undermines the notion of "order and progress", violating the ideal of civilization. In order to fulfill this mission, we intend to bring into question the way the author, through his speech, uses images that show aggressive and destructive nature of man, when he finds himself trapped amid the struggle for survival, giving us a taste of the evil that inhabits us and consumes us. In order theoretically to support the proposition in question will be referred to, primarily, David Harvey and his approach around the modern atmosphere, Freud, for his contributions on the human instincts and the malaise spread with civilization, and Andrew Bueno, by discussion on the relationship between modernity and barbarism, raised in his study of the shapes of the crisis plaguing contemporary society and taking shape in the literature.

Keywords: modern atmosphere; crisis; evil.

*O mal que habita em mim
Preso em jaula de fumaça*

¹ Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa: Literatura Portuguesa e Africana pela Universidade Federal Fluminense. Docente da Faculdade Paraíso. Niterói, Brasil. juligarciass@hotmail.com

*Fazendo sempre crer que é boa praça
A alma inchada de desejo e trapaças
Lhe beija a fronte e ergue a taça
Deus perdoe o mal que habita em mim*

(Camisa de Vênus. O mal que habita em mim)

Introdução

A modernização e o crescimento urbano que, no decorrer do século XX, condicionaram o homem a renunciar ao instinto, à liberdade, à felicidade em prol de sua integração e convivência em sociedade, acabam por fazê-lo negar sua natureza, suas vontades, e sua crença em uma civilidade que promete segurança e comodidade. Se muito nos chama atenção a maneira vertiginosa como as cidades cresceram e ganharam força, também nos choca a forma como este período experimentou catástrofes e conflitos vários que atingiram o modo de viver e pensar, frustrando-nos em relação ao projeto de modernidade, sugerido pelo Iluminismo e propagado pelo Modernismo, mediado pela fixidez categórica que gradativamente foi contestada. A esse respeito comenta David Harvey, em *Condição Pós-moderna* (1989), que o projeto do Iluminismo voltado à modernidade estava fadado a voltar-se contra si mesmo e a fracassar, principalmente ante a sua lógica que oculta, por trás da racionalidade, a dominação e a opressão.

Em *Mal-estar na civilização* (1930), Sigmund Freud já apontava para o fracasso do ideal de modernidade e, antecipando-se a Harvey, afirma que o desconforto experimentado pelo indivíduo é consequência dos sacrifícios pulsionais exigidos pela vida social. Diz-nos, também, que estes resultam do ãexcesso de ordem e de sua inseparável companheira: a escassez de liberdade. A ordem que é, então, valorizada e imposta, ora imperativa ora subliminarmente, mas sempre em prol da manutenção do poder, acaba por limitar o indivíduo e torná-lo prisioneiro do sistema que rege a civilização:

Fica-se assim com a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção. Evidentemente, é natural supor que essas dificuldades não são inerentes à natureza da própria civilização, mas determinadas pelas imperfeições das formas culturais que até agora se desenvolveram. (FREUD, 1997, p. 16)

Mediante, então, à crise e ao mal-estar que experimentamos, provenientes do período de transição dolorosa e interrogativa incitado pela decadência da modernidade, assistimos ao tributo das paixões humanas e, com frequência, testemunhamos o predomínio das reações instintivas e da pulsão destrutiva há muito sufocadas pelas normas da civilização, a extravasarem em nossas artes, e, por assim dizer, em nossa literatura que, cumprindo com o papel de representar mentalidades, traduz, conforme os (des)valores dessa época, um sujeito confuso, contraditório e bárbaro. Enfim, o que vemos é a derrocada da crença em um sistema de mundo erguido pelo projeto de modernidade, bem como o nosso caminhar rumo ao desamparo e à insegurança, próprios da vida primitiva, e a nossa transformação em sujeitos frustrados e neuróticos no limiar da tolerância e da razão.

O mal em *Ensaio sobre a cegueira*

Visando à discussão sobre a configuração, pela literatura, do lado cruel inerente à natureza humana, principalmente defronte a situações de instabilidade e coerção, consideremos o romance saramaguiano *Ensaio sobre a cegueira*, em que o autor lança as personagens em uma situação degradante, após terem contraído uma estranha cegueira branca e epidêmica, que as torna vulneráveis e agressivas:

Os gritos tinham diminuído, agora ouviam-se ruídos confusos no átrio, eram os cegos, trazidos em rebanho, que esbarravam uns nos outros, comprimiam-se no vão das portas, uns poucos perderam o sentido e foram parar a outras camaratas, mas a maioria, aos tropeções, agarrados em cachos ou disparados um a um, agitando aflitivamente as mãos em jeito de quem está a afogar-se, entraram na camarata em turbilhão, como se viessem a ser empurrados de fora por uma máquina arroladora. Uns quantos caíam, foram pisados. (SARAMAGO, 2007, p. 73)

As vítimas do chamado õmal brancoö, tamanho o desespero perante a nova e decadente condição, são reduzidas à animalidade, aqui sugerida através do termo õrebanhoö e do comportamento das mesmas. Além disso, o medo, conforme nos mostra Saramago, nos fragiliza e abala nossa razão, repercutindo em (re)ações involuntárias na defesa de nós mesmos, que tendem a desprezar as noções de certo e errado: õMuito devagar, no intervalo entre dois ferros verticais, como um fantasma, começou a aparecer uma cara branca. A cara de um cego. O medo fez gelar o sangue do soldado, e foi o medo que o fez apontar a arma e disparar uma rajada à queima-roupa.ö (SARAMAGO, 2007, p. 80)

É difícil e conturbada a chegada dos cegos ao manicômio, local escolhido pelo Governo para isolar aqueles que representam uma ameaça à manutenção da ordem, e, mais ainda, a experiência das personagens durante a estadia no referido lugar, onde as regras e os princípios caem por terra, cedendo espaço ao instinto de sobrevivência, às paixões e à vontade de poder:

Enquanto lentamente avançava pela estreita coxia, a mulher do médico observava os movimentos daquele que não tardaria a matar, como o gozo o fazia inclinar a cabeça para trás, como já parecia estar a oferecer-lhe o pescoço. Devagar, a mulher do médico aproximou-se, rodeou a cama e foi colocar-se por trás dele. [...] A mão levantou lentamente a tesoura, as lâminas um pouco separadas para penetrarem como dois punhais. Nesse momento, o último, o cego pareceu dar por uma presença, mas o orgasmo retirara-o do mundo das sensações comuns, privara-o de reflexos, Não chegarás a gozar, pensou a mulher do médico, e fez descer violentamente o braço. A tesoura enterrou-a com toda a força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou até ser detida pelas vértebras cervicais. (SARAMAGO, 2007, p. 185)

Nesse instante, a mulher do médico, ante o autoritarismo, os excessos e a violência de determinados cegos considerados maus, pela forma intransigente e agressiva com que tratavam os outros cegos, se não enquanto exigiam servidão, quando abusavam sexualmente das mulheres, resolve fazer justiça com as próprias mãos, eliminando, impulsivamente, o chefe dos malvados. A maneira como o faz, ó violentamente ó permite que enxerguemos a fúria e a perversidade que emanam de sua essência, ou melhor dizendo, de nossa essência, haja vista que a imagem em questão nos induz a refletirmos sobre o que o ser humano é capaz de fazer quando ameaçado ou agredido.

Em seguida, ao retratar a saída dos cegos do Manicômio, Saramago nos concede mais uma imagem do caos que propicia o rompimento com a civilidade e serve de pano de fundo para reações egoístas e desmedidas: na tentativa de saírem do manicômio, os cegos empurram-se e esmagam uns aos outros até que se transformem em uma massa sanguinolenta. Devido a esse comportamento atordoado e irracional, a imagem de loucos é levantada. Vejamos:

Então, para simplificar, aconteceu tudo ao mesmo tempo, a mulher do médico anunciou em altas vozes que estavam livres, o telhado da ala esquerda veio-se abaixo com medonho estrondo, esparrinhando labaredas por todos os lados, os cegos precipitaram-se para a cerca gritando, alguns não conseguiram, ficaram lá dentro, esmagados contra as

paredes, outros foram pisados até se transformarem numa massa sanguinolenta, o fogo que de repente alastrou fará de tudo isto cinzas. O portão está aberto de par em par, os loucos saem. (SARAMAGO, 2007, p. 210)

Os conflitos registrados em *Ensaio sobre a cegueira* servem, pois, para nos pôr frente a frente com a nossa propensa condição animalesca, aquela que nos impulsiona a ações irracionais e, portanto, por vezes excessivas e abruptas. Manicômio, ruas e casas acabam sendo destruídos e, gradativamente, tornam-se verdadeiras hospedarias profanas, abrigando as mais diversas demonstrações de selvageria, e tipos humanos que vão e vêm, nos convocando a contemplar o espetáculo da degradação humana:

Os cegos relincharam, deram patadas no chão, Vamos a elas que se faz tarde, berraram alguns, Calma disse o da pistola, deixe-me ver primeiro como são as outras. Apalpou a rapariga dos óculos escuros e deu um assobio, Olá, saiu-nos a sorte grande, deste gado ainda cá não tinha aparecido. [...] Esta é das maduras, mas tem jeito de ser também uma rica fêmea. Puxou para si as duas mulheres, quase se babava quando disse, Fico com estas, depois de as despachar passo-as a vocês. [...] A cega das insónias uivava de desespero debaixo de um cego gordo, as outras quatro estavam rodeadas de homens com as calças arriadas que se empurravam uns aos outros como hienas em redor de uma carcaça. (SARAMAGO: 2007, p. 176)

Ao sentirem-se violentados, encurralados ou quando detêm certo poder em suas mãos, os sujeitos de *Ensaio sobre a cegueira* revelam sua face ferina. Além de se rastejarem, os cegos adquirem olfato aguçado como cães e o comportamento destes passa a ser comparado com o dos animais, haja vista os termos òrelincharamö, õpatadasö, õberraramö, õgadoö, õfêmeaö, õbabavaö, õuivavaö e finalmente a expressão que os compara diretamente õ[...] como hienas ao redor de uma carcaçaö, que vão caracterizá-los ou serem associados à conduta dos mesmos. Sem a visão e condenados à barbárie os sujeitos perdem o sentido de civilidade e responsabilidade, e acabam por revelar sua natureza bruta, contraditória e estilhaçada: õ[...] o sentido de responsabilidade é a consequência natural de uma boa visão, mas quando a aflição aperta, quando o corpo se nos desmanda de dor e angústia, então é que se vê o animalzinho que somos.ö (SARAMAGO, 2007, p. 243)

Saramago mostra o que as pessoas estão dispostas a repudiar: os homens, conforme assinala Freud, não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-

se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Por conta disso, o outro é não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e, até mesmo, matá-lo. E essa crueldade só espera por uma provocação.

Conforme caem os valores que regem a sociedade, percebemos o extravasar cada vez mais imperativo e radical das paixões humanas, revelando-nos a vulnerabilidade do homem e a propensão do mesmo à barbárie ante a condição claustal a que está submetido. Subordinados aos afetos e às vontades, os indivíduos (re)criados por José Saramago, exaltam a condição de crise inerente aos sacrifícios exigidos pela vida em sociedade e quando reduzidos à condição animalesca, deixam sobressair o caráter agressivo inerente ao ser humano que, em casos como esses onde a dignidade está perdida, os valores são inúteis e a humanidade se esvai, traz-nos à mente uma frase antiga proferida por Plauto e mais tarde popularizada por Thomas Hobbes ó *homo homini lupus* ó que vai sugerir essa selvageria natural do homem.

Ao tornar notórias as imperfeições e deformidades existentes no caráter humano, através da descrição ou evocação de seres e fatos grosseiramente vulgares, sórdidos e grotescos, enfim, ao desfazer das máscaras sociais, Saramago convoca-nos, a refletir sobre a tênue linha que separa ordem e desordem, seja do ser, seja do espaço, fazendo com que enfrentemos nossa essência vulnerável em prol da descoberta de quem somos. Retratando tempos de crise, como os que experimentamos, o romance explorado por este trabalho, a partir de uma versão desumanizada dos sujeitos considerados produtos dessa modernidade que tentou moldá-los ou limitá-los, traz à tona a importância de repararmos, por meio da sensibilidade e do pensamento crítico, os rumos de nossa relação com o eu, com o outro e com a sociedade. A propósito da complexa e ameaçadora vida em sociedade, comenta André Bueno em *Formas da crise: estudos de literatura, cultura e sociedade* (2002):

Depois de Freud, sabemos todos como são frágeis os limites que separam civilização e barbárie, contratos sociais e violência cega. Sabemos como é difícil a vida em sociedade, o tanto de renúncia que se faz necessária, o quanto de aceitação da realidade e diminuição do prazer se apresentam inevitáveis. Como resultado uma adaptação instável e perigosa, posto que a renúncia e a repressão criam uma hostilidade contra a própria civilização, que pode se manifestar como violência e formas irracionais de resolver o mal-estar que a vida social impõe. No ponto mais agudo da crise, lembremos ainda que a emancipação ó ou qualquer forma de paz fundada na justiça social ó depende de investimentos racionais e organizados, construtivos em seu melhor sentido, mesmo que no caminho alguns

empecilhos tenham que ser destruídos. Nunca como elogio irracional da violência ou, no outro extremo, como mergulho cego no que existe, aceitando e endossando o que é desigual e injusto. (BUENO, 2002, p. 282)

Em *A ideologia da estética*, Terry Eagleton ressalta que o surgimento das cidades e a ascensão do capitalismo propiciaram, rapidamente, a estetização da moralidade como forma de registrar a harmonia social e divulgar a noção de ordem em nossos sentidos, servindo, assim, à política e à manutenção do regime: “Estetizar a moral e a sociedade desta maneira é, num certo sentido, a marca de uma confiança serena. [...] Em contraposição, o que é socialmente destrutivo, ofende imediatamente, como um mau cheiro.” (EAGLETON: 1993, p. 34). Por isso, em contato com a obra saramaguiana em relevo neste trabalho, e porque esta traz um espaço ficcional, sujeitos e princípios arruinados ó principalmente aqueles associados à ideia de civilização ó sentimos o õmau cheiroö que emana de suas escrituras dedicadas à destruição da confiança e da serenidade, bem como testemunhamos o mal que nos consome corporificado através de suas personagens não nomeadas e, portanto, universais. Ao exaltar a tensão, o caos e o sentimento de ruína, experimentados pela humanidade, *Ensaio sobre a cegueira* explora uma õCrise cuja forma mais visível e evidente é a violência ocupando o cotidiano, como expressão de um mal-estar profundo, de uma cegueira estranha e perigosa, misturando os mitos da sociedade do espetáculo e a realidade que desumaniza e brutaliza os excluídos.ö (BUENO, 2002, p. 281) E na ausência de perspectivas, o que se apresenta é essa lacuna no âmbito dos valores, dos ideais, das lutas e dos projetos, substituídos pela força bruta e pela corrupção. Logo, retomando André Bueno: “Diante da crise, o desencanto e o ceticismo batem à porta com insistência. Entende-se que seja assim, dado acúmulo de recuos e derrotas, de esperanças traídas e projetos fracassados.” (BUENO, 2002, p. 290)

Considerações finais

Diante do quadro de repressão velada nutrido pela atual sociedade moderna e capitalista, que acaba por dissolver e absorver os indivíduos, além de conduzi-los à alienação e impulsioná-los à selvageria, faz-se pertinente e relevante estudarmos a maneira como a literatura registra e representa nosso ser e estar no mundo. Com efeito, coube avaliarmos *Ensaio sobre a cegueira*, que abertamente denuncia a tendência do homem moderno à cegueira ó relacionada a seus limites e possibilidades ó e à castração de seu õeuö, fazendo-o iludido e conformado, mas também frustrado.

O romance aqui manuseado, ao nos perturbar com situações de coerção e violência lançando mão de um cenário decadente, permite-nos refletir sobre o conflito vivenciado pelo homem, no que diz respeito ao que este realmente é e o que precisa ser para sua integração à sociedade, sobre a inevitável banalidade do mal e da barbárie, e sobre o desencanto em relação às coisas. Enfim, *Ensaio sobre a cegueira* faz-nos repensar e reavaliar nosso òeuò, nossos valores, o espaço em que vivemos e as condições que delimitam a relação entre os indivíduos de uma sociedade, explorando as fragilidades e o mal que nos habita, fazendo com que enxerguemos nossa forma bruta.

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

BUENO, André. *Formas da crise: estudos de literatura, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

Recebido em 1 de dezembro de 2012.

Aprovado em 12 de março de 2013.